

ARQUIVOS

ALGUNS ARQUIVOS PORTUGUESES QUE IMPORTAM AO BRASIL (1).

Devemos inicialmente agradecer à Sociedade de Estudos, Históricos a honra que nos conferiu, e que tanto nos desvanece, permitindo-nos apresentar nesta sessão pequeninos informes, colhidos em alguns dos muitos arquivos portugueses e que importam à História do Brasil.

Com a devida vênia devemos ainda lembrar que nossa ida a Portugal, absolutamente se prende à História do Brasil; mas, à coleta de material para a nossa Cadeira de História Moderna e Contemporânea e, particularmente ao trabalho que pretendemos realizar.

Cometeríamos injustiça, se deixássemos de reiterar publicamente os nossos agradecimentos a todos, que lá deixamos, ou deixemos de estender nossa imorredoura gratidão aos que, conosco, colaboraram neste nosso primeiro contacto com arquivos portugueses. Cometeríamos a mesma injustiça ao quisermos citar nomes, pois todos, sem distinção, sempre nos proporcionaram as necessárias informações, indispensáveis ao bom desempenho de nossa missão; porém, embora não devêssemos citar nomes, para não ocorrer em omissões, cabe-nos ressaltar, como preito de gratidão e justiça, nêles sintetizando as nossas homenagens a todos com quem nos encontramos, as figuras das Dras. Virgínia Rau e Luíza da Fonseca, pelos preciosos informes que nos emprestaram, para levar a cabo esta nossa comunicação. Devemos ainda lembrar-nos do Dr. Alberto Iria, diretor do Arquivo Histórico Ultramarino, pela valiosa colaboração que emprestou a todos os nossos passos na visita que fizemos ao seu precioso arquivo.

Por isto, devemos dizer-lhes que nunca é fácil falar de arquivos, particularmente dos arquivos portugueses, dado o seu número e as verdadeiras montanhas de papéis que apresentam. A nossa preocupação foi, naturalmente, a de recheiar o nosso fichero e não propriamente constatar a organização desses mesmos arquivos.

Suponhamos mesmo, que todos os bibliotecários e arquivistas portugueses outra coisa não fizessem do que pôr diante de nossos olhos todos os documentos que importam à História do Brasil, num determinado aspecto da sua vida, mesmo assim ser-nos-ia impossível dizer mais do que pouco sobre os arquivos de Lisboa — e já não dizemos portugueses — dado o seu extraordinário recheio documental.

Mesmo em outras partes da Europa — não sabemos até que ponto mais ricas em preciosidades documentais —, onde os arqui-

(1). — Palestra pronunciada, em 18 de junho de 1953, na Sociedade de Estudos Históricos de São Paulo.

vos tenham sido mais bem conservados, onde os documentos tenham sido menos destruídos, onde a organização e catalogação se apresente mais convidativa, mesmo assim os historiadores, por certo, se veem diante de tamanha imensidão de documentos que desesperados, outra coisa não pensarão fazer do que cruzar os braços numa atitude de pequenez, por sentirem que tôda uma existência humana seria insuficiente para vêr — e, já não digo, para ler — todos os maços de papéis referentes a um determinado assunto que pretendam tratar.

Por outro lado, é de notar-se, que a seleção dos documentos nem sempre satisfaz a curiosidade crescente, de encontrar, do investigador sempre insatisfeito. E' que, desgraçadamente, a maioria das vêzes foram os documentos mais agradáveis, mais interessantes, que desapareceram, destruídos pelo fogo, pela ação da água, pelas contínuas mudanças, ou — o que é mais grave — pela pernicioso displicência dêste ou daquele funcionário de arquivo. E isto, que digo, não se constata por mero acaso, mas por pernicioso efeito das próprias circunstâncias históricas, pelas quais tiveram que passar os documentos.

Ora, como os senhores presentes muito bem o sabem, Portugal, particularmente Lisboa, veem enfrentando uma série de caprichos da natureza que têm pôsto em sobressalto contínuo a vida dos arquivos e, portanto, dos documentos por êles guardados. E' o caso dos constantes abalos sísmicos que affligiram Portugal, principalmente Lisboa. Haja visto o de 1755, que destruiu núcleos inteiros de preciosíssimos documentos, guardados nos arquivos portugueses; até êsse famigerado terramoto se fazer sentir, especialmente atingindo o Arquivo Nacional da Tôrre do Tombo, que, com a catástrofe, perdeu núcleos valiosíssimos de documentos, especialmente as coleções do Paço da Ribeira e a famosa biblioteca do Conde da Ericeira. Ainda inúmeros livros das chancelarias tiveram os mesmos destinos e alguns dêles, que sobreviveram à catástrofe, apresentam-se com a ausência de algumas de suas fôlhas, ou com o aspecto de alguém que passou aflito por um terramoto.

E' a esta altura que devemos lembrar-nos de lhe indicar a leitura do trabalho da Dra. Virgínia Rau (2), para observarem que apesar da catástrofe ocasionar tantas perdas inestimáveis, ela não causou — em relação ao Arquivo da Tôrre do Tombo — o vulto de estragos que geralmente apresentam por aí. A Dra. Virgínia Rau, apoiando-se em Pedro de Azevedo (3) e Costa Brochado (4), que baseando-se em documentos do guarda-mór então em exercício, Manuel da Maia, demonstraram não corresponder à verdade o exagêro dos estragos do Tombo, apresenta-nos no seu trabalho um preciosíssimo documento encontrado no Arquivo da Ca-

(2). — A Tôrre do Tombo em 1631, Lisboa, 1945.

(3). — O Arquivo da Tôrre do Tombo.

(4). — O Terramoto de 1755 e a Tôrre do Tombo.

sa Cadaval (5), esclarecendo-nos, através dêle, a verdade sôbre o terramoto de 1755.

Apesar de tudo, êsses mesmos autores são unânimes em reconhecer que o abalo sísmico causou realmente inúmeras e preciosas baixas documentais no arquivo; baixas essas, que abriram um vazio na vida do pesquisador.

E' também de se concluir que a dominação espanhola concorreu muitíssimo para o extravio de papéis até então guardados no Tombo e noutros arquivos portugueses. Haja visto o número de documentos portugueses existentes nos arquivos de Espanha, particularmente no famoso Archivo General de Simancas.

Os arquivos que têm o mérito de refletir a história, como espelho que dela são, muitas das vêzes apresentam-nos intransponíveis barreiras, pela razão que acabamos de ver, isto é, pelos próprios fatos históricos terem decisiva influência na vida dos arquivos e, conseqüentemente, nos documentos.

Portugal é um país onde se apresenta difícil o trabalho do investigador, em virtude da própria riqueza, do recheio documental, dos seus inúmeros arquivos. Basta dizer que Portugal conserva-nos códices da Idade Média, numa impressionante riqueza. E se a História de Portugal, especialmente a econômica, demanda ainda religioso trabalho a realizar, é provavelmente em virtude dessa extraordinária abundância de papéis, aliada à perniciosa dispersão, que teimosamente esconde o material que interessa de imediato ao historiador.

E' realmente difícil, pois, falar dos arquivos portugueses que interessam ao Brasil, quer pelo seu número, quer pela preciosidade da abundância do seu recheio, quer ainda — porque todos êles parecem realmente interessar — à nossa história.

Além dos núcleos de documentos guardados com carinho nos arquivos oficiais, outros existem, e que contêm documentação imprescindível, para a elaboração de trabalhos de natureza histórica. Haja visto os diversos arquivos particulares de várias casas nobres de Portugal, tais como os da Casa de Bragança, Cadaval, Palmela, Pombal, Sabugosa, etc., que infelizmente não tivemos tempo para neles trabalhar, mas que sabemos importantes para a historiografia do Brasil.

Feito êste introito, vejamos os arquivos portugueses que mais interessam à História do Brasil pelo conteúdo que nos oferecem. Os senhores sabem que é difícil, senão impossível, negar que a nossa história é ainda hoje uma história de litoral! Queremos dizer, que muito pouco sabemos à luz de autêntica documentação, da sua penetração para o interior do país. Haja visto que tôda a força de sua vida girou sempre ao longo de seu litoral, da mesma maneira que hoje tende a sentir-se atraída, como fôrça de vida, para a porção meridional do Brasil. Pois bem, dito isto, que nos parece ser

(5). — "Estado em que se achou o Archivo da Torre do Tombo".

verdade e, que gostaríamos de trocar idéias, após esta nossa conversa, devemos acrescentar que a nossa história apresenta-se religiosamente como um conjunto harmonioso de elementos culturais europeus, representados nitidamente pela cultura portuguesa. Daí o interesse, para nós brasileiros, da história de Portugal e dos seus arquivos que carinhosamente guardam a parte orgânica da nossa história. Senão, vejamos:

A.) — *Arquivo Nacional da Torre do Tombo*. Este extraordinário arquivo é legalmente — e pelo menos desde o século XIV — o arquivo central da nação portuguesa, e constitui, provavelmente, o mais rico núcleo de documentos existentes hoje em Portugal, quer pelo seu valor histórico heterogêneo e paleográfico, quer pelo seu montanhoso número de papéis, quer ainda pela variedade do objeto e proveniência. E' mesmo reconhecidamente um dos principais da Europa e, a todos os investigadores estrangeiros, assombra pela magnificência das preciosidades documentais que possui.

Dos seus inúmeros núcleos ou coleções que mais importam ao Brasil, lembramo-nos de destacar as seguintes:

1.) — *Alfândega e Repartição da Fazenda do Funchal*. Este núcleo parece ser importante para o estudo da economia do açúcar das Ilhas Atlânticas, particularmente da Madeira e da interdependência que apresenta com o Brasil. E isto provoca uma série de problemas ligados à monocultura do açúcar do nosso nordeste, isto é, até que ponto o nosso açúcar arrebatou, pela sua quantidade, mercados até então alimentados pelo açúcar da Madeira. E mais: até que ponto os capitalistas internacionais, principalmente genoveses, flamengos e alemães, até então metidos nos negócios do açúcar das Ilhas, se transplantaram, com seus capitais, para o nosso nordeste, atraídos pela monocultura açucareira. Eis um problema.

2.) — *Corpo Cronológico*: Coleção documental importantíssima, abrangendo documentação dos séculos XII ao XVII. E' um dos núcleos mais heterogêneos do arquivo da Torre do Tombo e nele se encontram constantes documentos que interessam muito de perto ao Brasil.

3.) — *Armário Jesuítico e Cartório dos Jesuítas*: Núcleo de documentos imprescindíveis para qualquer estudo do Brasil, em relação à história missionária.

4.) — *Junta do Comércio*: E' um dos núcleos ou coleções mais importantes para o estudo da nossa história econômica, durante o século XVIII principalmente. E' este núcleo documental que apresenta alguns dos livros da "Balança Geral do Comércio",

que infelizmente não se encontram centralizados num único arquivo, pois estão perniciosamente dispersos pelos arquivos portugueses. Haja visto que a Biblioteca do Instituto Nacional de Estatística, em Lisboa, apresenta alguns desses preciosos livros, como veremos dentro de instantes.

5). — *Junta do Tabaco*: Núcleo bastante convidativo, que contém documentação dos séculos XVII ao XIX e imprescindível para a nossa história econômica desse período. Pensamos mesmo que os nossos arquivos da Bahia — estadual e municipal — completam esta riquíssima coleção de papéis guardada no Tombo em grande porção. Eis aqui uma coleção a convidar-nos, para um estudo, sobre o tabaco, enquadrado como está dentro da política econômica de Pombal em relação aos monopólios comerciais.

6.) — *Santo Ofício da Inquisição*: Coleção que agrupa o Cartório do Conselho Geral do Santo Ofício e nele se guarda documentação que importa à inquisição no Brasil. Eis aqui outro assunto que também está à espera que algum historiador caritativo lhe consiga um lugar de direito na nossa história.

B.) — *Arquivo da Casa da Moeda*: Arquivo particularmente precioso para o estudo da nossa história monetária. Nele se conservam livros de registos, de diplomas régios e uma série de contratos e privilégios vários, desde o século XIV ao XX. Ao Brasil interessam muito de perto os livros de entrada do ouro e prata, dos séculos XVI ao XIX. Haja visto que a história do nosso ouro das Gerais, que possibilitou ao “magnânimo” D. João V a magnificência do seu reinado e ao Marquês de Pombal o seu Despotismo Esclarecido, muita coisa poderá lucrar com o trabalho neste precioso arquivo português.

C). — *Arquivo Histórico Municipal ou Arquivo da Câmara Municipal de Lisboa*: Imprescindível para o estudo da história econômica de Portugal e particularmente indispensável para qualquer estudo do Município de Lisboa, dado que Lisboa, como capital do país, tornou-se o sorvedouro principal das atividades econômicas e mercantis. Este arquivo apresenta para a nossa história algumas séries, particularmente interessantes, para o estudo mercantil dos nossos primeiros séculos do Brasil Colonial. Haja visto o movimento dos navios portugueses entrados ou saídos do porto de Lisboa durante o século XVIII, que se ligam naturalmente ao comércio que mantínhamos com a metrópole, nessa época.

Esquemmatizando, diremos que das coleções do arquivo, as que mais dizem respeito ao Brasil são: *Chancelaria Régia*, que abrange mais de 200 Livros dos Reis; consultas, decretos e avisos que diretamente interessam à nossa história econômica e que giram particularmente, do reinado de D. Maria I aos fins da primeira metade

do século XIX. Lembramo-nos ainda de dizer que êste núcleo, ou coleção, é de certa maneira importante para o estudo das invasões francesas e das deliberações do Senado da Câmara.

D). — *Arquivo Histórico Colonial ou Histórico Ultramarino*: E' seu diretor o Dr. Alberto Iria cuja personalidade já é de todos os senhores presentes conhecida. Quem pela vez primeira entra em contacto com êste arquivo espanta-se, de certa forma, pela quantidade de papéis que vão surgindo diante dos nossos olhos; e êsses milhões de papéis guardam dentro de caixas ou maços, grande parte da História do Brasil, tal é o número de manuscritos que dizem respeito a quase todos os assuntos da nossa história.

No que diz respeito ao Brasil, lembramo-nos de dizer que os documentos na sua maioria estão arrumados em caixas ou maços e geograficamente divididos por capitánias. Esta organização de arquivo dá-nos já uma relativa facilidade que muito concorre para o aproveitamento do tempo que em Lisboa parece correr mais depressa do que em outra qualquer parte.

Centenas de historiadores portugueses e estrangeiros têm estudado os núcleos documentais dêste famoso arquivo. De todos é conhecido, como guia seguro de trabalho, o *Inventário de Documentos da Bahia e do Rio de Janeiro* de Castro e Almeida; entretanto, para que possamos fazer uma pequenina idéia da quantidade de documentos guardados neste arquivo e relacionados com o Brasil, basta dizer que êste monumental trabalho de Castro e Almeida, composto de oito avantajados volumes, não chega a abranger 50 mil documentos, dos milhares que lá existem ligados às capitánias da Bahia e Rio de Janeiro.

Leitor que pretenda trabalhar no Arquivo Histórico Colonial, encontra, além do Inventário já citado de Castro e Almeida, o seguinte: *Inventário de Códices*, por Ernesto Enes e Fitzeler; *Inventário de Documentos da Bahia — século XVII* — apresentado ao Congresso da Bahia em 1949, pela conhecida paleógrafa portuguesa, Dra. Luíza da Fonseca; desta mesma senhora, tivemos a feliz oportunidade de ler um trabalho apresentado ao "*Colloquium Internacional de Estudos Luso-Brasileiros*". (6) — "Algumas Suggestões no Arquivo Histórico Colonial" — que merece ser divulgado, tal a riqueza informativa que apresenta.

No Arquivo Histórico Colonial guardam-se ainda núcleos de papéis que dizem respeito à ação dos mercadores estrangeiros, especialmente genoveses, flamengos, italianos, alemães e franceses, que estiveram mercantilizando com o Brasil Colonial.

Saber da presença de mercadores internacionais no comércio com o Brasil quinhentista é sempre interessante, pelo fato de se prender a assunto de extraordinária importância para o tráfico capitalista do século XVI. Até que ponto, mercadores ou capita-

(6). — Êste trabalho, quando o vimos, estava ainda datilografado.

listas genoveses, alemães e flamengos, que já tinham invertido soma de capitais no comércio das Ilhas particularmente no açúcar da Madeira se transplantaram, para o nosso comércio quinhentista, após a decadência econômica das Ilhas. Eis um problema que gostaríamos de abordar e que oferecemos à inteligência dos senhores presentes. Devemos ainda lembrar, que a Dra. Luíza da Fonseca fez já um trabalho interessante, reunindo nomes de mercadores estrangeiros que trataram com o Brasil. Convidamos pois os interessados a irem até esse trabalho, que, quando o vimos, estava ainda datilografado (7).

E' pois o Arquivo Histórico Colonial o mais rico e completo depósito de documentos relativos à nossa história, em especial ao período colonial. Lá está guardada a mais variada documentação, respeitante à história política, administrativa, missionária, militar e econômica. Basta lembrar que os domínios ultramarinos recebiam do Reino uma série de assíduos Regimentos, Leis, Cartas Régias e os mais variados papéis, sobre os mais complexos problemas da vida ultramarina; enquanto o Reino, por sua vez, recebia dos seus domínios as mais heterogêneas informações de caráter social, missionário, político, econômico, etc.

O fundo do arquivo apresenta duas grandes secções, nas quais os documentos se agrupam geográfica e cronologicamente. Ali se guardam os mais variados papéis, códices, mapas, memórias, etc. A secção anterior a 1833 é imprescindível ao estudo de qualquer assunto da nossa História. Lá se guardam as preciosas coleções de papéis do Conselho Ultramarino, englobando as mais heterogêneas informações que importam ao Brasil. Basta lembrar os núcleos de manuscritos que englobam as diferentes capitâneas do Brasil: Pará, Maranhão, Piauí, Ceará, Mato Grosso, Goiás, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Minas Gerais, São Paulo, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Colônia do Sacramento; além de coleções de documentos avulsos, o arquivo guarda ainda caixas de manuscritos relativos à nossa história diplomática e diretamente ligados às demarcações e limites, cujas datas extremas vão de 1740 a 1758 e 1759 a 1806. Lembro-me ainda de outras caixas relativas à Inconfidência e à questão da liberdade de comércio do Brasil.

Os códices em número superior a quatro mil, contém papéis vários ou são livros de regimentos, leis, decretos, etc. Para ilustrar o estratégico valor deste conjunto, basta dizer que ali se guarda o Regimento de 1549, que trouxe o nosso primeiro governador geral, Tomé de Sousa.

São também de interesse os *Livros dos Animais e Plantas do Maranhão* de Frei Cristovão de Lisboa e os *Albuns de Desenhos*, além, naturalmente, de preciosa coleção de mapas e gravuras.

(7). — *O Brasil e os estrangeiros mercadores*, trabalho apresentado ao Colloquium Internacional de Estudos Luso-Brasileiros.

Este arquivo é realmente repositório inesgotável de material para o Brasil. Se muito dêle está já conhecido, quer através de catálogos que correm impressos, quer através de publicação de alguns manuscritos, quantidade muitas e muitas vêzes maior está ainda por revelar. Está praticamente neste caso, a massa considerável de documentos da África Atlântica Portuguêsa, que tanto se interdepende com o nosso Brasil Colonial e que tratam das intensas e importantes relações que com ela mantivemos. Núcleos de papéis englobam tôda nossa história colonial, nas suas múltiplas relações com a África Atlântica. Haja visto o caso do corpo de documentos ligado ao tráfico da escravatura, entre a Costa da Guiné e o nosso Nordeste, particularmente com a Bahia; haja visto a presença do gentio de Angola em terras de Pernambuco, esclarecido por núcleos de papéis do Arquivo Histórico Colonial; haja visto ainda a contribuição dada pelo nosso Nordeste, especialmente pela Bahia, para a sustentação do Império português, na África Atlântica.

E). — *Biblioteca Nacional de Lisboa*: Na secção dos reservados desta biblioteca tão procurada, estão guardadas certas coleções de documentos que interessam ao Brasil. O fundo de manuscritos está dividido em grandes coleções, das quais deverei lembrar-me das seguintes, que são as que mais de perto falam aos interesses da nossa história:

1). — *Fundo Geral*: coleção constituída por quase onze mil livros e 300 caixas de papéis avulsos, especialmente rica em espécies dos séculos XVI e XVII. Abrange os mais variados assuntos — teologia, filosofia, literatura, economia, geografia, etc. — e nela se encontram interessantes notícias que importam ao Brasil. Haja visto o número de papéis respeitantes à Inquisição, aos jesuítas, à marinharia e ao comércio em geral, além de notícias dos nossos indígenas e alguns documentos referentes à expulsão dos franceses.

Desta coleção são ainda as mais variadas notícias das nossas capitanias; Bahia (arcebispado, descrição, Fazenda, Regimento, escravos, etc.); Colônia do Sacramento, Ceará, São Paulo, Conquista do Rio Paraíba, descrições de outras capitanias, administração dos donatários, engenhos, escravos, holandeses na Bahia e Pernambuco, memórias as mais diversas, minas de ouro e diamantes, roteiros, etc.

2). — *Coleção Pombalina*: Também interessa ao Brasil. Assim chamada por ser constituída pela documentação pertencente ao Marquês, e mais tarde adquirida pelo governo português e integrada à Biblioteca Nacional de Lisboa, em fins do século XIX. Consta de cerca de 800 códices de manuscritos, respeitantes aos mais variados assuntos históricos: política, economia, administração, jesuítica, etc.

Da parte referente ao Brasil, lembramo-nos de citar: Bahia (almoxarifado, escravos, engenhos, navios apresados, aldeamentos, canela cultivada, Casa da Moeda, etc.; Colônia do Sacramento, companhias de comércio, contratos do sal, tabaco, couro, pau-brasil, Côrte de D. João VI, empréstimos, roteiros, etc. Encontramos ainda papéis referentes a Mato Grosso: notícias de Cuiabá, viagens, roteiros, etc. Respeitantes a Minas: caminhos de São Paulo, relatórios, memórias, motins, etc. Referentes a Pernambuco: escravos, engenhos e índios, etc. Sôbre Santos: papéis respeitantes à história do pôrto de Santos, roteiros, caminhos, etc.

F). — *Biblioteca do Instituto Nacional de Estatística*: Esta biblioteca está em Lisboa e nela guarda-se parte preciosa da importantíssima coleção de manuscritos *Balanças de Comércio*, núcleos de papéis imprescindíveis para a nossa história econômica dos séculos XVIII e XIX. Basta lembrar que por determinação oficial, todo o movimento externo português era devidamente registado nessas coleções, hoje infelizmente dispersas por várias bibliotecas e arquivos de Portugal. As anotações, ou registos, eram feitos com rigorosa assiduidade e tomavam-se os preços médios dos produtos nos portos de onde eram expedidos para o Reino, por um lado; e por outro, o preço dos diferentes produtos, no cais portugueses, devidamente acrescidos dos direitos de saída.

Estas *Balanças de Comércio* constituem elemento seguro para a história do comércio do Brasil com o Reino, especialmente no século XVIII, dada a abundância de informes que se colhem da sua leitura. Temos mesmo a impressão, que essas *Balanças*, na maioria do seu recheio, estão inéditas e por conhecer; particularmente os importantes dados estatísticos para a nossa história econômica, resumindo a natureza e qualidade da exportação, por exemplo, de Lisboa para o Rio de Janeiro em fins do século XVIII, com lista de mantimentos, etc.

G). — *Biblioteca de Évora*: A coleção dos manuscritos ebo-rensens dão-nos notícias várias das "terras do Brasil": habitantes, roteiros, informes da costa, plantas, aves, animais, indígenas, etc. Haja visto o códice sôbre a defesa do Rio de Janeiro; é uma interessante narração feita por testemunha fidedigna do ataque e defesa dessa nossa cidade em 1710. E' um documento digno de ser conhecido, vivendo os costumes, processos de guerra e condição da gente e das coisas do Rio de Janeiro, no primeiro quartel do século XVIII.

Lembramo-nos ainda dos informes sôbre o caminho do mar; verdadeiro roteiro da navegação costeira do Brasil, constituindo autêntico elemento da marinharia portuguesa. E' um livrinho manuscrito, composto por Afonso Gonçalves e Sebastião Martins, pilotos da costa, no fim do século XVIII.

Indicamos ainda os roteiros dos paulistas para o sertão de Cuiabá, fôlha avulsa que forma o n.º 18 do cod. 2-3 (8) e contém o breve roteiro dos caminhos que no século XVIII os paulistas faziam para o Cuiabá. Não poderíamos deixar de lembrar ainda: "Épitome das vantagens, que Portugal pode tirar das suas colonias do Brasil, pela liberdade do comércio do sal naquele continente". É um caderno — o n.º 25 da biblioteca — escrito por autor anônimo, dos últimos anos do século XVIII.

E, caros confrades, apesar da insignificância desta nossa contribuição, desde já nos colocamos à disposição dos interessados, para outros informes, que por ventura possam dar. E se algum dêles for útil a alguém, daremos por bem empregada a noite que vos fizemos perder...

MANUEL NUNES DIAS

Assistente da Cadeira de História da Civilização Moderna e Contemporânea da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.

(8). — Esse documento foi divulgado em primeira mão no Brasil pela própria *Revista de História*, no artigo de Odilon Nogueira de Matos, "Notas sobre o caminho para Mato-Grosso" (N.º 4, de 1950, pp. 551-557).